

A CULTURA DE PAZ COMO ALTERNATIVA PARA A SOCIEDADE DO DESEMPENHO E DA VIOLÊNCIA¹ ODS (16)

Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça inclusiva para todos e construir instituições eficazes responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

Maria Jacqueline Braga de Freitas²
Profa. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro³
Profa. Dr. Celso Augusto dos Santos Gomes⁴
Profa. Dra. Elisa Maria Andrade Brisola⁵
Profa. Dr. Ariovaldo Francisco da Silva⁶
Orientador Vieira Guedes⁷

Resumo

A civilização contemporânea é marcada por transformações que alteram as formas de sociabilidade, as dinâmicas de poder e os mecanismos de controle. A sociedade do cansaço, analisada por Byung-Chul Han (2015), gerou novas formas de dominação, baseadas na autoexploração e na ilusão da liberdade, contexto que produz adoecimento psíquico, solidão e violência neural, manifestando-se em relações competitivas e excludentes. Diante dessa realidade, surge o seguinte questionamento: como estabelecer a cultura de paz em uma sociedade de influência neoliberal, marcada pela produtividade e violência? A partir dessa questão, objetivamos neste artigo, investigar como valores e práticas da cultura de paz podem contrapor-se às dinâmicas da sociedade do desempenho, da violência e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento humano e regional. O presente artigo é de natureza básica, de abordagem qualitativa e de objetivo descritivo, para as análises foi utilizado fontes bibliográficas e documentais. O estudo propõe uma reflexão crítica que articula as categorias teóricas de Foucault e Han, bem como fundamentos sobre o desenvolvimento regional pelos autores Etzkowitz e Leydesdorff (2000), Santos *et al.* (2018), e Carniello e Santos (2021), assim como com a proposta da cultura de paz, presente no Projeto Escola Mediadora que Promove a Paz - EMPAZ

¹ Produção realizada a partir dos componentes científicos Estrutura e competências organizacionais e Políticas sociais e desenvolvimento regional no Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional (PPGDR) no Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS-MG

² Mestranda no programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional - PPGDR

³ Doutorado e Mestrado no programa de História Social -Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP.

⁴ Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP com bolsa da FAPEMIG pesquisando a constituição de saberes.

⁵ Doutorado e Mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

⁶ Coorientador -Doutorado em Educação pela Universidade São Francisco - USF - Campus-Itatiba/SP (2020).

⁷ Orientador - Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP

(Prefeitura de Fortaleza, 2019). A análise realizada evidencia que, em diferentes épocas históricas, sempre se manifestaram lutas pelo controle e pelo poder sobre os sujeitos. Na contemporaneidade, entretanto, destaca-se que a cultura de paz constitui um importante instrumento de resistência no campo da educação, uma vez que fortalece as relações interpessoais e contribui de forma significativa para o desenvolvimento regional sustentável. Nesse contexto, ressalta-se ainda o papel fundamental da reflexão e do ócio criativo como caminho possível para enfrentamento e ressignificação da experiência humana na sociedade do cansaço.

Palavras-chave: Poder. Educação. Cultura de paz. EMPAZ. Desenvolvimento regional.

Abstract

Contemporary civilization is marked by transformations that alter forms of sociability, power dynamics, and control mechanisms. The society of fatigue, analyzed by Byung-Chul Han (2015), has generated new forms of domination based on self-exploitation and the illusion of freedom, a context that produces mental illness, loneliness, and neural violence, manifesting itself in competitive and exclusionary relationships. Faced with this reality, the following question arises: how can a culture of peace be established in a society influenced by neoliberalism, marked by productivity and violence? Based on this question, the objective of this article is to investigate how the values and practices of a culture of peace can counteract the dynamics of a society of performance and violence and, at the same time, contribute to human and regional development. This article is basic in nature, with a qualitative approach and a descriptive objective. Bibliographic and documentary sources were used for the analyses. The study proposes a critical reflection that articulates the theoretical categories of Foucault and Han, as well as the foundations of regional development by authors Etzkowitz and Leydesdorff (2000), Santos et al. (2018), and Carniello and Santos (2021), as well as the proposal for a culture of peace, present in the Mediating School Project that Promotes Peace - EMPAZ (Fortaleza City Hall, 2019). The analysis shows that, in different historical periods, there have always been struggles for control and power over individuals. In contemporary times, however, it is noteworthy that the culture of peace is an important instrument of resistance in the field of education, since it strengthens interpersonal relationships and contributes significantly to sustainable regional development. In this context, the fundamental role of reflection and creative leisure as a possible path for confronting and reframing the human experience in a society of fatigue is also emphasized.

Keywords: Power. Education. Culture of peace. EMPAZ. Regional development.

Introdução

A contemporaneidade é caracterizada por uma profunda reconfiguração das relações sociais, das dinâmicas de poder e dos mecanismos de controle. O modelo disciplinar descrito por Michel Foucault, segundo Ferreirinha e Raitz (2010), é baseado na

vigilância e na normalização. Essa perspectiva, cede espaço para formas de dominação, centradas na autorregulação e no imperativo da produtividade.

Paralelamente, Byung-Chul Han (2015) analisa a emergência da sociedade do desempenho, na qual a violência não se apresenta mais sob a forma de coerção externa, mas se manifesta com a autoexploração e a cobrança interna. O indivíduo, convencido de sua autonomia, torna-se empreendedor de si mesmo, assumindo responsabilidades ilimitadas e internalizando a lógica neoliberal do “pode fazer tudo”.

A temática em questão revela-se socialmente relevante porque se conecta à questão contemporânea (cansaço, violência, competitividade) com uma proposta ética e pedagógica concreta (cultura de paz).

Destacam-se, sob a perspectiva dos autores, pontos como: as concepções de poder em cada época, os tipos de sociedade, as formas de controle, as relações com o sujeito, os principais efeitos do poder e as possibilidades de resistência, assim como sua importância para o desenvolvimento regional.

Na seara desta análise problematiza-se: como estabelecer a cultura de paz em uma sociedade de influência neoliberal, marcada pela produtividade e violência? A partir deste questionamento, como objetivo geral tem por finalidade investigar como os valores e as práticas da cultura de paz podem contrapor-se às dinâmicas da sociedade do desempenho, da violência, e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento humano e regional sustentável.

Como objetivos específicos, busca-se analisar como a cultura de paz pode ser instrumento à sociedade do cansaço permeada pela violência e às tecnologias de poder; e identificar de que forma o EMPAZ pode contribuir para o desenvolvimento regional.

O estudo justifica-se pela finalidade de trazer luz aos desafios que se manifestam na esfera do contexto escolar, gerando possibilidades de contradispositivos frente às formas contemporâneas de dominação e violência.

Quanto à metodologia, o estudo é de natureza qualitativa de cunho bibliográfico, privilegiando objetivos descritivos a partir do corpo teórico evidenciado. Outrossim, contempla concepções dos estudiosos que fazem jus às questões no espaço escolar, no tocante à cultura de paz.

É possível afirmar que, no campo educacional, essas lógicas se reproduzem em práticas pedagógicas voltadas ao desempenho e ao controle, mantendo traços disciplinares incorporado por influências e exigências neoliberais.

Sob essa perspectiva, torna-se imprescindível elaborar um quadro que favoreça a convivência democrática, o diálogo e o bem-estar coletivo, conforme defende Jares (2001) e organismos internacionais, por exemplo, a Unesco (1999). Nessa ótica, a proposta da cultura de paz, sustentada em fundamentos éticos e pedagógicos, busca tensionar as lógicas violentas que atravessam tanto a vida social quanto a esfera educacional.

No Brasil, especificamente em Fortaleza, no estado do Ceará, iniciativas, como o Projeto Escola Mediadora que promove a Paz- EMPAZ, têm demonstrado a viabilidade de práticas baseadas comunicação não-violenta, na mediação de conflitos e processos circulares da justiça restaurativa (Prefeitura de Fortaleza, 2019), que contribuem para a diminuição e prevenção da violência, construindo relações horizontais e restaurativas no espaço escolar.

Assim, a partir da perspectiva teórica aqui explanada, este artigo busca desenvolver uma revisão da literatura sobre a sociedade disciplinar e a sociedade do desempenho, abordando em seguida as contribuições da cultura de paz no contexto escolar e os aportes do projeto EMPAZ para o desenvolvimento regional. Na sequência, descreve-se a metodologia utilizada e apresentam-se os resultados obtidos, discutidos em diálogo com o referencial teórico, a fim de evidenciar as contribuições do estudo. Por fim, são tecidas as considerações finais, que reafirmam a relevância do aporte teórico como instrumento de resistência e de superação da violência presente na escola e na sociedade.

Revisão da literatura

A sociedade disciplinar na visão de Michel Foucault

É cabível de afirmação o quanto a violência afeta a sociedade e as instituições humanas, dentre elas a escola, dentro de um contexto de forte influência de organismos internacionais e orientações neoliberais que reforçam uma agenda de competitividade.

Tendo em vista este olhar analítico, toma-se como acento as concepções de Michel Foucault, citado por Ferreirinha e Raitz (2010), que concebe o poder como relacional, difuso

e produtivo, afastando-se da noção jurídica que o associa à soberania. Para o autor, o poder não apenas reprime, mas produz saberes, normas e subjetividades.

Na obra *Vigiar e Punir*, Foucault (2008) descreve que as sociedades disciplinares, estão estruturadas em instituições, como escolas, fábricas, hospitais, quartéis e prisões, em que mecanismos como a vigilância, a hierarquia e o exame fabricam corpos dóceis e úteis.

O estudioso demarca como o poder se exerce pela vigilância constante: quando a pessoa sente que pode estar sendo observada o tempo todo, passa a controlar a si mesma e a agir de forma obediente, sem necessidade de punições físicas. Nas escolas, essa lógica aparece na organização rígida de horários, espaços e regras de conduta, que funcionam como uma pedagogia do controle, moldando comportamentos e formando sujeitos disciplinados (Ferreirinha e Raitz, 2010). Nas palavras de Foucault (2010, p. 30), “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”. Assim, conhecimento e poder são indissociáveis, visto que o poder é sustentado por conhecimentos que fundamentam as leis e regras, como também é exercido por meio da produção e controle desses saberes.

Além disso, Foucault (1979, p. 95) afirma que “onde há poder, há resistência, e essa resistência é múltipla, difusa, e pode se manifestar em muitos pontos das relações sociais”. A resistência não é externa ao poder, mas constitui-se na própria rede em que o poder opera. Assim, no interior das relações de poder, emerge um campo de liberdade, no qual os sujeitos, ainda que constituídos pelas práticas de poder, podem exercer tanto a resistência quanto a liberdade.

A sociedade do desempenho segundo Byung-Chul Han

Byung-Chul Han (2015) caracteriza a sociedade contemporânea como a sociedade do cansaço, também conhecida como a sociedade do desempenho, distinta das sociedades disciplinares descritas por Foucault. Enquanto essa se fundamentava na coerção externa, no dever, a atual é regida pelo imperativo da positividade “*Yes, we can*”. Esse discurso desloca a negatividade do “você deve” para a aparente liberdade do “você pode”,

instaurando uma forma de violência mais sutil e eficiente, pois é internalizada pelo próprio sujeito.

Nesse contexto, o cidadão encontra-se em uma constante busca por desempenhar suas tarefas de maneira eficiente, esforçando-se para concluir todo o trabalho que lhe é atribuído dentro do prazo estabelecido. Com frequência, isso o leva a extrapolar seu horário habitual de trabalho e, quando não consegue atingir tais metas, experimenta sentimento de frustração e insatisfação.

O autor denomina esse fenômeno de violência neuronal, que substitui a violência física ou disciplinar das sociedades anteriores. Trata-se de uma violência sem ruído, que se manifesta como sofrimento psíquico e sensação de fracasso. “*A violência do positivo não nega, mas leva ao excesso*” (Han, 2015, p. 21).

Ao contrário das proibições disciplinares, a positividade excessiva não impõe limites, mas abre um campo ilimitado de possibilidades, que se converte em cobrança permanente. As tecnologias do eu, que visam a autorregulação, dialogam com a lógica descrita por Han (2015), em que o sujeito contemporâneo, sob a aparência de autonomia, torna-se cúmplice de sua sujeição.

Segundo Han (2015, p. 28), “a sociedade do desempenho é mais rápida e mais produtiva que a sociedade disciplinar porque explora a liberdade em vez da repressão”. Essa liberdade, no entanto, é ilusória, pois transforma-se em auto coerção. Nessa perspectiva, o indivíduo acredita ser autor de sua trajetória, mas é prisioneiro da lógica neoliberal, que exige resultados contínuos e ilimitados. Essa dinâmica faz emergir patologias como *burnout*, depressão, ansiedade e transtornos de déficit de atenção, sintomas da exaustão produzida pela autoexploração.

Han (2015) aponta que na sociedade do cansaço se perde a alteridade, isto é, o outro desaparece como diferente e é transformado em cópia ou extensão de si mesmo. Isso enfraquece o afeto, o pensamento e as relações, porque só aprendemos e crescemos diante do que é o outro, não de quem é idêntico a nós.

O autor não propõe uma solução para a violência neuronal nem para os demais problemas decorrentes da política neoliberal e da sociedade do cansaço. No entanto, ele indica caminhos possíveis para enfrentamento, tais como: valorizar mais o ser do que o ter;

aprender a parar e a descansar, incluindo momentos de desconexão; reservar tempo para reflexões profundas, para o ócio criativo e para a conexão com o divino; recuperar a convivência com o outro, superando o isolamento; e buscar maneiras de viver com qualidade, promovendo, assim, o restabelecimento do equilíbrio mental e espiritual.

A cultura da paz na sociedade do desempenho na escola

A cultura de paz consolidou-se no cenário internacional a partir da Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz (UNESCO, 1999), que propõe valores, atitudes e comportamentos orientados pela rejeição à violência e pela resolução pacífica de conflitos. Essa agenda foi reforçada pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), em especial o ODS 16, que defende sociedades pacíficas, justas e inclusivas.

Jares (2001), um dos principais teóricos da educação para a paz, argumenta que a paz não é um estado estático, mas um processo dinâmico, que exige participação cidadã, justiça social e promoção dos direitos humanos. Para o autor, educar para a paz implica desenvolver competências emocionais, comunicativas e éticas que permitam a convivência em sociedades plurais. Essa concepção desloca a paz de uma visão restrita à ausência de conflitos, reconhecendo-os como inerentes à vida social, mas passíveis de tratamento não violento.

No Brasil, políticas públicas como o Programa Nacional de Educação em Direitos Humanos e iniciativas estaduais e municipais incorporaram princípios da cultura de paz, ainda que de forma incipiente. Nesse contexto, projetos voltados para a cultura da paz como o Escola Mediadora que promove a Paz (EMPAZ) ganham relevância ao traduzir essas diretrizes em práticas concretas, que transformam o cotidiano escolar e contribuem para a prevenção da violência.

A sociedade do desempenho promove uma cultura do igual, na qual prevalece a repetição da ideia de o outro se torna espelho idêntico (Han, 2015). Essa homogeneização fragiliza o diálogo e a empatia, favorecendo relações utilitárias e descartáveis.

Essa lógica tem efeitos profundos na educação, pois o espaço escolar, antes disciplinador, passa a incorporar mecanismos de avaliação meritocrática e estímulos à competitividade, alinhando-se às exigências do mercado. O estudante é interpelado como

empreendedor de si, responsável pelo seu sucesso ou fracasso. Essa condição intensifica desigualdades e fragiliza o sentido coletivo da aprendizagem.

A educação, influenciada por essa racionalidade, tende a priorizar competências técnicas e pragmáticas, em detrimento das dimensões éticas e relacionais. Nesse cenário, a cultura de paz, presente no EMPAZ, apresenta-se como contraponto necessário, pois resgata o valor da escuta, do diálogo e da convivência solidária. Práticas como comunicação não-violenta, mediação de conflitos e processos circulares da justiça restaurativa podem devolver ao ambiente escolar a experiência do encontro, fundamental para a formação integral (Prefeitura de Fortaleza, 2019).

Desenvolvimento regional e o EMPAZ

De acordo com Etzkowitz e Leydesdorff (2000), o desenvolvimento regional está vinculado à interação dinâmica entre três atores institucionais fundamentais: governo, universidade e empresa, no que eles denominam *modelo da Hélice Tríplice*. Esse modelo destaca que o desenvolvimento econômico e social baseado no conhecimento depende da colaboração intensiva entre essas esferas, onde o governo cria políticas e infraestrutura, a universidade gera conhecimento e inovação, e as empresas transformam esse conhecimento em produtos e serviços. A interação entre esses atores cria um ambiente propício para a inovação tecnológica, o aprendizado coletivo e a geração de valor econômico, transformando regiões em polos de desenvolvimento inovadores e sustentáveis.

Por sua vez, Santos *et al.* (2018) ampliam a compreensão do desenvolvimento regional ao enfatizar a multiplicidade de variáveis que influenciam esse processo, como o acesso à saúde, à educação, à segurança, à habitação e à mobilidade. Esse olhar multidimensional confirma que o progresso de um território não é unidimensional, mas envolve a melhoria das condições sociais, econômicas e ambientais que afetam a qualidade de vida da população.

Integrando essas perspectivas, o projeto EMPAZ, em Fortaleza, contribui significativamente para o desenvolvimento regional ao atuar especialmente nas dimensões da educação, da segurança e da saúde emocional. Ao promover o diálogo e a escuta na mediação de conflitos nas escolas públicas, o EMPAZ fortalece o ambiente educacional,

criando condições que favorecem a aprendizagem, a socialização saudável e a redução da violência (Prefeitura de Fortaleza, 2019). Isso impacta diretamente no fortalecimento da coesão social, um aspecto essencial para a segurança e o bem-estar da comunidade, que são variáveis cruciais na abordagem de Santos *et al.* (2018).

Carniello e Santos (2021) destacam que, embora a comunicação tenha sido inicialmente vista como ferramenta de difusão de tecnologia e informação, ela passou a assumir um papel estratégico e integrado no desenvolvimento regional, sendo atualmente considerada parte do próprio processo e não apenas um meio para um fim.

Assim, o papel da comunicação para o desenvolvimento regional, conforme discutido pelos autores, é intrinsecamente garantido ao fortalecimento da cultura da paz, na medida em que fomenta espaços de escuta e participação que legitimam as diversas vozes e interesses presentes no território.

Método

O presente estudo caracteriza-se por sua natureza básica, adotando uma abordagem qualitativa. Trata-se de uma pesquisa cujo objetivo principal é descritivo, fundamentando-se na análise crítica de referenciais teóricos consagrados, bem como de documentos institucionais pertinentes ao tema investigado.

A escolha da abordagem qualitativa justifica-se pela possibilidade de compreender as dinâmicas de poder e as práticas escolares sob uma perspectiva interpretativa, que valoriza a complexidade das características sociais e das construções simbólicas envolvidas.

Para tanto, realizou-se uma revisão crítica das obras de Michel Foucault e Byung-Chul Han, autores centrais na discussão das transformações sociais e das formas de dominação. Complementarmente, foram incluídos estudos relevantes sobre desenvolvimento regional e cultura de paz, a fim de ampliar a compreensão do contexto.

Além disso, aborda-se a aplicação do Projeto Escola Mediadora que Promove a Paz (EMPAZ), por meio da análise de documentos oficiais disponibilizados pela Prefeitura de Fortaleza (2019). Essa análise documental permitiu verificar práticas concretas de mediação e promoção da cultura da paz no ambiente escolar.

As fontes consultadas incluíram livros, artigos científicos e documentos oficiais, selecionados com base em sua relevância, atualidade e contribuição teórica. A análise dos dados foi conduzida de maneira criteriosa, utilizando procedimentos de interpretação crítica e síntese teórica, com o objetivo de articular os resultados obtidos com a prática educacional observada.

Para fundamentar as análises, a figura 1 foi gerada pelo algoritmo de inteligência artificial (IA) Gamma, seguindo comandos de uma das autoras, com o foco de ilustrar e deixar mais coerente a análise do objeto em estudo.

Resultados e discussão

Com o objetivo de sintetizar as ideias das concepções tratadas, ressalta-se, no quadro 1, bases que se considera relevantes para serem instrumentos a uma cultura de paz permeada pelas relações de poder nas contribuições destes estudiosos.

Quadro 1 - As relações de poder segundo Foucault e Han.

Aspecto	Michel Foucault	Byung-Chul Han
Concepção de Poder	Poder difuso, presente em todas as relações sociais; não é apenas repressivo, mas produtivo; está ligado a saberes e discurso; exerce-se de forma micro e macro nas instituições e indivíduos.	Poder interno e autorreferenciado na sociedade de desempenho; poder da autoexploração e auto-observação, gerando combustão e doenças psíquicas.
Imperativo	Você deve! (Negação)	Você pode!
Tipo de Sociedade	Sociedade disciplinar (ex. prisões, hospitais, escolas), negação com repressão externa, controle rigoroso dos corpos e comportamentos.	Sociedade do cansaço, descrição pela positividade excessiva, pressão para produtividade e autoaperfeiçoamento.
Forma de Controle	Controle externo exercido por normas, vigilância, disciplina e técnicas de governo (poder disciplinar).	Controle internalizado, onde o indivíduo exerce sobre si mesmo a pressão para desempenho e sucesso.

Relação com o Sujeito	Sujeito moldado para obedecer a regras externas.	Sujeito pressionado a se autoexplorar e autorregular-se.
Efeito principal do poder	Sujeitos obedientes, de autonomia e liberdade limitada; sofrimento psíquico da repressão emocional ou social.	Exaustão psicossomática, depressão e <i>Burnout</i> ; hiperatividade, ou seja, sintomas de pressão internalizada para uma produtividade incessante.
Possibilidade de resistência	Existem espaços onde relações de poder se manifestam, através de contradiscursos e práticas de subversão.	Romper o ciclo internalizado, e fazer o resgate da vida contemplativa(ócio) e do equilíbrio entre ação e reflexão.

Fonte: autoras (2025)

Considerando as reflexões de Han (2015) e Foucault (1978, 1999, 2008), percebe-se que, embora os dispositivos de poder assumam formas distintas, eles permanecem constantes ao longo do tempo, produzindo subjetividade subjugadas às lógicas hegemônicas. Na sociedade disciplinar, o corpo é vigiado, o controle é externo e a repressão se manifesta por meio da negação.

Já na sociedade do cansaço, o sujeito, ao mesmo tempo em que é explorado de maneira ilimitada, torna-se refém de si próprio, pois a pressão do “você pode” é internalizada e o controle se dá de dentro para fora (Han, 2015). Assim, os autores convergem na ideia de que se pode resistir ao poder.

Na sociedade disciplinar (Foucault, 1979, 1999, 2008), a resistência ocorre quando se contesta as normas, as regras e as verdades impostas pelas instituições que exercem o controle. Também deve-se agir de forma que rompa com as regras e as ordens estabelecidas pelo poder disciplinar, enfraquecendo ou modificando as relações de dominação.

Segundo Han (2015), deve-se romper o ciclo da autoexploração e fazer o resgate do ócio criativo que surge também como uma estratégia fundamental para contrabalançar o excesso de positividade e produtividade.

Como pode-se perceber, com base nessas perspectivas analíticas, destacou-se na figura 1 os pontos essenciais da cultura de paz que proporcionam resistir na sociedade do desempenho.

Figura 1 - A cultura de paz como contradispositivo



Fonte: autoras (2025), com auxílio da IA Gamma

Entende-se que a cultura de paz, na sociedade do cansaço, emerge como contradispositivo capaz de tensionar os mecanismos de dominação e instaurar relações orientadas pelo diálogo e pela corresponsabilidade. Ao respeitar a diversidade, a valorizar a empatia, a cooperação e a escuta (Jares,20201), cria-se condições para que a liberdade se realize não como ilusão individual, mas como prática coletiva de convivência democrática onde se busca a resolução de conflitos sem violência.

As principais ideias sobre desenvolvimento regional e o EMPAZ foram organizadas no quadro 2.

Quadro 2 - Atividades do EMPAZ e suas contribuições para o desenvolvimento regional

Elemento	Atividades do EMPAZ	Contribuição para o Desenvolvimento Regional
Educação	Promoção da cultura de paz nas escolas públicas	Melhoria do ambiente educativo e aprendizagem inclusiva
Segurança	Mediação de conflitos e justiça restaurativa	Fortalecimento da coesão social e redução da violência

Comunicação	Comunicação não-violenta e participação comunitária	Ampliação do capital social e fortalecimento dos vínculos sociais
Parcerias e redes	Integração entre escola, família, governo e comunidade	Criação de redes colaborativas para inovação e sustentabilidade

Fonte: autoras (2025)

Ao articular atividades à educação para a paz, o EMPAZ pode ser visto como um facilitador das interações comunicativas promovendo a participação da escola, da família, do governo local e da comunidade em torno da mediação e resolução de conflitos, cria-se uma rede colaborativa que pode ampliar o capital social e humano da região.

Desta forma, o projeto EMPAZ contribui para o desenvolvimento sustentável local, pois fortalece vínculos, promove a inclusão e prepara os cidadãos para participarem de ambientes de inovação e transformação social.

Considerações finais

O estudo realizado permitiu analisar como a cultura de paz pode constituir um instrumento para a sociedade contemporânea, permeada pela violência e pelas tecnologias de poder, bem como identificar de que forma contribui para o desenvolvimento regional.

Tendo em vista as reflexões de Han (2015) e Foucault (1978, 1999, 2008), percebe-se que, embora os dispositivos de poder sejam mutáveis ao longo do tempo, continuam a produzir subjetividades submissas às lógicas hegemônicas. É o que se observa na sociedade disciplinar, em que o corpo era objeto de vigilância; já na sociedade do desempenho, a mente torna-se alvo da exploração ilimitada.

As relações de poder se manifestam de maneira distinta em cada sociedade. Na primeira, há ênfase na negatividade: o sujeito deve obedecer, e a exploração vem de fora. Na segunda, prevalece o excesso de estímulo à positividade: o sujeito se autorregula e se cobra, acreditando ser capaz de realizar tudo o que desejar.

É perceptível que as consequências do poder são prejudiciais em ambas as sociedades. Na disciplinar, evidencia-se a falta de liberdade, gerando o sentimento de coação pelas regras e punições impostas. Já na do desempenho, a principal consequência

é a exaustão psicossomática, que pode levar a doenças neurais, sintomas da pressão internalizada para manter uma produtividade incessante.

Para superar essas questões, na sociedade disciplinar os sujeitos devem recorrer a contradiscursos, ações e estratégias que desafiem as normas de poder. Já na sociedade do desempenho, o indivíduo precisa refletir profundamente sobre a qualidade de vida, romper o ciclo de cobrança internalizada, reconhecer seus limites e buscar equilíbrio. Assim, os autores corroboram que os sujeitos resistem ao poder em ambas as sociedades.

Nesse campo de discussão, a escola corre o risco de reproduzir tais racionalidades, seja pela manutenção de práticas disciplinares, seja pela incorporação da ideologia neoliberal do empreendedorismo.

O projeto EMPAZ articula práticas como a comunicação não violenta, a mediação de conflitos e os círculos de justiça restaurativa, que funcionam como contradispositivos. Esses elementos tensionam os mecanismos de controle e de autoexploração ao promover relações horizontais e dialógicas, desafiando a normalização e a competição, ao mesmo tempo em que instauram espaços de cuidado e solidariedade.

O EMPAZ exemplifica práticas concretas em que a educação e a mediação social se conectam às abordagens de Carniello e Santos (2021), ao utilizar a comunicação como estratégia de transformação, e às reflexões de Santos et al. (2018), acerca das múltiplas dimensões do desenvolvimento. Dessa forma, ratifica-se como a promoção da paz e do bem-estar nas escolas pode se tornar um motor para o desenvolvimento sustentável, territorial equilibrado, inovador e inclusivo.

A leitura desta produção poderá suscitar reflexões em torno da revisão de políticas públicas relacionadas à cultura de paz e ao desenvolvimento regional, ainda que se reconheça que a implementação dessas práticas enfrenta desafios, como a resistência cultural, a escassez de recursos e a pressão por resultados quantitativos.

Embora limitado ao recorte teórico e às experiências locais do EMPAZ, este estudo evidencia que a cultura de paz constitui um caminho promissor para resistir aos efeitos da lógica neoliberal e da violência contemporânea. Pesquisas futuras poderão aprofundar sua aplicação em outros contextos regionais, ampliando a compreensão de sua potência transformadora.

Por fim, ressalta-se que educar para a paz transcende o imperativo pedagógico, configurando-se como um ato político e ético urgente em um contexto global marcado pelo cansaço e pela violência. A construção de uma cultura de paz é, portanto, fundamental para a transformação social e para a promoção de um desenvolvimento humano e regional mais justo e equilibrado.

Referências

- CARNIELLO, M. F., & DOS SANTOS, M. J. (2021). **Comunicação para o desenvolvimento territorial**: análise da Política Nacional de Desenvolvimento Regional. *Redes*, [S. l.], v. 26, 2021. <https://doi.org/10.17058/redes.v26i0.15670>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/15670>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- ETZKOWITZ, H., LEYDESDORFF, L. The dynamics of innovation: From national systems and “Mode 2” to a triple helix of university–industry–government relations. *Research Policy*, p. 29, 109–123, 2000. Disponível em : . Acesso em: 27 jun. 2025.
- FERREIRINHA, I. M. N; RAITZ, T. R. **As relações de poder em Michel Foucault**: reflexões teóricas. *RAP — Rio de Janeiro* 44(2):367-83, MAR./ABR. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/r3mTrDmrWdBYKZC8CnwDDtq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, vol. 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2010 (edição com página 30 mencionada).
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ. Vozes, 2015.
- JARES, Xesús. **Educar para a paz em tempos difíceis**. Porto Alegre: Artmed, 2001. PRANIS, kay
- OLIVEIRA, Raphael de; MARQUES, Mabel Diz. **Neoliberalismo e desenvolvimento regional**: obstáculos da política regional no Brasil. *DRd - Desenvolvimento Regional em debate*, v. 10, p. 348-369, 08/05/2020. DOI: Acesso em: 30 jun. 2025.
- PERDONÁ, G.; COELHO SOARES, T. **O Papel da Educação no Desenvolvimento Regional**. Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN), v. 5, n. 1, 9 out. 2021. Disponível em: . Acesso em: 10 set. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Projeto EMPAZ** - Escola Mediadora que Promove a Paz. Fortaleza, 2019. Documento oficial ou publicação disponível na Prefeitura Municipal.

ROSENBERG, Marshall. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2019.

SANTOS, M.J; VIEIRA, E.T. SANTOS, D.F. Educação e Capital Social: Uma relação estreita com o desenvolvimento. **DRd – Desenvolvimento Regional em debate**. v. 8, n. 2, p. 4-26., 2018

UNESCO. **Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz**. ONU, 1999. Disponível em Acesso em: 20 jun. 2025.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.